



ID: 105566283

07-06-2023

O Conhecimento ao Serviço da Sociedade

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

Susana Ferreira*



O primeiro telemóvel, completamente inatingível ao comum dos mortais, fez há pouco tempo 44 anos, e surgiu 100 anos depois de ter sido descoberto o primeiro telefone. Atualmente, estes dispositivos móveis, acessíveis à comunidade em geral, têm mais capacidade que os computadores do início deste milénio. A verdadeira “disrupção” surge no facto de estes pequenos dispositivos permitirem aceder a uma enorme rede de informação em milésimos de segundos. Vivemos novos tempos. Tempos de alta velocidade na troca da informação, em que tudo parece muito próximo, apenas à distância de um clique. A exigência do imediato é cada vez maior. Neste contexto, é

natural questionarmo-nos como tornar os métodos de ensino mais eficazes e cativantes para estas novas gerações de alunos. Os métodos usados nas décadas 70/80, expositivos e bastante formais, jamais funcionariam para as atuais gerações. Os “nativos digitais”, que cresceram neste novo mundo, estão habituados a obter respostas e informação espontaneamente, com ferramentas ao seu dispor que lhes permitem ser mais eficientes, evitando horas que se “gastam” a ouvir um professor ou em pesquisa de livros/artigos. Estes sentimentos são reais nestas gerações e têm de ser analisados e discutidos para se conseguir encontrar os métodos de ensino mais eficazes nas nossas Escolas. A falta de fundamentação ou enviesamento das ideias, a ausência de espírito crítico, a falta de paciência e de disponibilidade para dar tempo à natural evolução do conhecimento são verdadeiras ameaças para estas gerações.

Em 2000, no início da minha carreira como professora de matemática, foram introduzidas as calculadoras no ensino secundário e, como

seria de esperar, houve alguma contestação e receio neste procedimento. Naturalmente, surgiram dúvidas se os alunos apreenderiam os conhecimentos de igual forma. Contudo, o facto é que professores e alunos passaram a ter mais tempo para desenvolver outras atividades, nomeadamente para explorar os limites da tecnologia, “erros” da calculadora, desenvolvendo, assim, o espírito crítico dos alunos.

Passados estes anos, temos outras tecnologias a invadirem as nossas escolas que me transportam para este ano 2000 e me fazem questionar se não as deveríamos abraçar de igual modo, repensando matérias e novas metodologias para a sala de aula.

Recentemente, tive a oportunidade de trabalhar em projetos do Politécnico de Leiria, como Link me Up – 1000 ideias ou skills4future, que permitem fazer formação em diferentes contextos, alguns completamente fora da minha área de atuação e, adicionalmente, contemplam a partilha de ideias e de práticas com colegas de diferentes áreas. Estas experiências têm sus-

citado uma análise profunda da metodologia e incentivado novas abordagens em sala de aula, bem como, novas formas de avaliar as matérias, que se adequam a estas novas gerações.

Todas as mudanças requerem bastante dedicação, discussão e tempo, três características que não têm sido contempladas nas sucessivas alterações de programas nas escolas. A urgência na aplicação de novos programas, como se tudo o que anteriormente tivesse sido feito fosse errado, prejudica toda a comunidade. As matérias necessitam obviamente de ser atualizadas, mas, acima de tudo, os métodos repensados, reformulados e adaptados. Devemos aceitar e abraçar a tecnologia, dar tempo para discutir e preparar todos os intervenientes porque “todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades” então “troquemos-lhe as voltas que ainda o dia é uma criança”. ◀

*Professora Adjunta na Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Politécnico de Leiria